



Safra, G. (2006). *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo, SP: Sobornost.

DOI: 10.22289/2446-922X.V5N2A12

Elessandra Nunes de Ávila **Reis**¹
Guilherme Bessa Ferreira **Pereira**

A obra é uma reflexão sobre a prática clínica e expande a percepção sobre o universo do sujeito a partir de uma metodologia hermenêutica. Compreende o “humano” como uma complexa entidade simbólica. Sinaliza que, para estar com ele na clínica, é necessário não apenas o enxergar, no sentido de compreender o sujeito sob o ponto de vista clínico e patológico, mas também ver as possibilidades de tudo que o envolve. Neste contexto, o terapeuta utiliza-se da hermenêutica, que é a interpretação para não negligenciar nos detalhes valiosos da subjetividade.

Gilberto Safra escreve de maneira erudita e filosófica para abordar o que chama de subjetividade primordial, sendo essa constituída pela tríade da estética, do sagrado e da ética, temas abordados pelo autor em outros livros.

Safra afirma que a clínica contemporânea solicita atenção do psicólogo para tudo o que atravessa a experiência do cliente. A experimentação é reveladora do ontológico e, aqui, encontra-se uma explanação de como o indivíduo compreende a vida. Neste sentido, é possível acolher a singularidade e desenvolver um diálogo a partir de linguagem própria, que o autor denomina idioma pessoal.

A presente obra enfoca a forma de expressão amparada pelo modo de ser e pela constituição de espiritualidade do indivíduo. Para o autor, o trabalho clínico envolve a investigação interpretativa do sujeito, o que implica na abdicação do conforto proporcionado por uma suposição de saber. Muitas vezes, utiliza-se elaborações naturalistas e generalistas da experiência humana a fim de se ter um olhar que permita adentrar a realidade particular, que é a subjetividade.

¹Endereço eletrônico de contato: elessandra.avila@yahoo.com

Recebido em 14/05/2019. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 18/06/2019.



Ao inquirir o conjunto de tudo o que forma o modo de ser, denominado *ethos* humano, o autor enfoca a hermenêutica na situação clínica como sendo uma forma de acessar a individualidade do paciente em análise. Por vezes, o sujeito fica subjugado pela agonia do totalmente pensado, que é capaz de classificar, nominar e minimizar, subestimando a dimensão do Ser.

Segundo Safra, a compreensão originária antecede ao desenvolvimento mental e envolve sentimentos nobres, os quais possibilitam adaptação ao meio e apreensão de conceitos, como o de 'ser cuidado'. Para ele, estas relações estabelecidas antes mesmo do nascer, ocorrem no campo do ontológico, que é pré-existente, fundante, contém o Ser em todo o tempo. Isso é fundamental nas experiências do transcender, do construir e da elaboração de sentido.

A obra é convidativa a refletir sobre a humanidade formada por forças antagônicas que buscam o equilíbrio, sendo esse considerado por muitos como o conceito de saudável. Há no texto afirmação de que este equilíbrio se refere ao idioma pessoal associado ao modo de sentir, de pensar e de agir desenvolvidos na convivência. A partir dele, o homem pode usufruir de empatia, de intuição e de vontade, descobrindo a si e ao outro.

Além disso, o autor envolve os conceitos *arché*, referente ao nascer, e *telos*, ao morrer, aproximando-se da filosofia, a qual enfoca a angústia como antecessora à escolha e a finitude como sendo um dos componentes na elaboração do sentido da vida.

O livro destaca a questão da finitude de forma simples e real, tornando-a menos dolorosa quando fundamentada na discussão de Safra de que tudo o que nasce, morre num movimento contínuo. O escritor convida a repensar a forma de raciocinar sobre os processos do fim, uma vez que esses têm força para interromper a continuidade do existir no fluxo da vida.

É como se houvesse um convite para se participar de um evento no palco da existência. Uma vez abertos para tal experiência, acionar-se-iam potencialidades criativas e realizar-se-ia um ato, mas nem tudo seria possível nesta atuação. O impossível permaneceria como se fosse uma sombra da escolha preterida, detectando, assim, a precariedade do ser.

Safra explora o conceito de comunidade e assegura que, por força do destino, o homem é inserido na vivência para se desenvolver, sendo o outro testemunha que fundamenta o seu existir. Neste contexto, cabe ao Ser apropriar-se de sua origem, posicionando-se em sua história. Ele pode até sentir-se influenciado, mas jamais determinado, porque é livre para escolher.

Tal conceito também se manifesta na clínica através do termo 'polifonia', que se refere às várias vozes as quais se manifestam no paciente e podem ser explícitas ou implícitas, oriundas das diferentes influências recebidas. Estas vozes interferem no funcionamento psíquico do paciente, no sentido de afastá-lo da própria compreensão de si mesmo. Torna-se imperioso o trabalho para percebê-las e dialogar com elas, encontrando, deste modo, o lugar do paciente e a reconstituição de seu poder.



Sendo assim, Safra demonstra que o trabalho clínico não se trata apenas de uma remissão de sintomas determinados pelos parâmetros psiquiátricos e neurológicos, mas de um exercício de aproximação, de interpretação e de conexão com o Ser, que torna possível o descobrir-se e o refazer-se.

O autor ressalta ainda a necessidade de o terapeuta perceber o quanto o cliente está disposto a sofrer quando chega à clínica. Este sentimento só acontece quando se está em relação e disposto a encarar, mutuamente, a si mesmo e ao outro. O incômodo da angústia serve, portanto, como modo de despertar para a autenticidade. Este conceito traduz o termo *soborny*, palavra de origem russa, que traz o sentido de comunidade, em que o homem se desenvolve junto aos seus.

O clímax da obra dá-se quando o autor enfoca a capacidade que o homem tem de lidar com o sofrimento causado pela precariedade. Esta sensação é crucial para a evolução e, por mais que seja incômodo no sentido de dor, percebe-se nela a ferramenta insubstituível para a construção de sentidos subjetivos sobre o Ser que se relaciona com a Ontologia.

A compreensão do existir abrolha-se através da ontologia, que é uma espécie de rede subjetiva de possibilidades, construída pelo homem para que possa responder aos questionamentos sobre o Ser.

Neste íterim, pode surgir o desejo de elaborar um Ser pleno em potencial. Trata-se de um processo singular no campo do sagrado, que faz surgir a espiritualidade, sendo esta forte o suficiente para alterar sentidos e diminuir, inclusive, o medo de morrer. Ao tornar-se espiritual, a criatura sente-se plena, entra em contato com diferentes universos e converte-se em núcleo enérgico potente.

No encerramento da obra, além de valorizar cada componente do idioma pessoal, o autor esclarece dois momentos cruciais na clínica: o início e o fim de tudo que o cliente apresenta.

Desta maneira, é possível perceber o tempo de vida do sujeito, explicitando o quanto o 'passado', o 'presente' e o 'futuro' confluem-se na experiência de existir. Com isso, Safra evidencia que se trata da própria significação do sentido de vida como o centro do trabalho terapêutico. Esse vai em direção ao Ser para que possa encontrar/criar o sentido pessoal e intransferível para si.

Percebe-se que não se pode mudar a história de ninguém, mas é possível alterar significados. Para tanto, o cliente precisa encontrar seu lugar, sentir-se singular e, assim, perceber que o que o adoeceu pode transformar-se em elementos de seu estilo, de sua Ontologia.

Na abrangência da ética e da estética, o trabalho da clínica desenvolve-se solicitando do terapeuta o exercício de compreender a polifonia e a composição plástica das histórias presentificadas. Trata-se de um trabalho duplo, no qual o analista é um companheiro que ora



testemunha e ora participa; o cliente é aquele que experimenta e busca apropriar-se de sua questão originária, construindo para si seu destino.

Em se tratando do terapeuta, a sensibilidade tem papel de destaque, pois fundamenta a compreensão e o registro de transicionalidade, auxiliando-o a não correr o risco de ser conduzido pelo que lhe é apresentado. No tocante ao cliente, ela ajuda a encontrar um lugar com abertura para dentro e para fora de si e lhe oferece condições de acionar a memória, o entendimento e a vontade, como gesto que potencializa a pessoa a agir.

Safra despede-se da obra reverenciando Teresa de Ávila e o seu livro “Castelo Interior ou Moradas”, e comunga com a autora o pensamento de que o homem se assemelha a uma construção com diversos departamentos internos. O muro do castelo seria a pele que envolve todos os mistérios. Existem ambientes desconhecidos, não frequentados, câmaras secretas, porões, jardins e lugares iluminados, que, ao serem visitados, oferecem inúmeras experiências.

Quando movido pelo desejo do autoconhecimento e diante das experiências que a vida apresenta, o Ser pode deslocar-se de um lugar para o outro e conhecer o que o compõe. Sentimentos diversos constroem esta experiência que envolvem, pensamento, emoção, memória e comportamento em um movimento valoroso de conhecer-se construir-se e evoluir.

Para consumir o trabalho, o autor aquiesce com Edith Stein sobre a importância de buscar o centro da alma um setor silencioso no qual acontecem a integração e a organização das potencialidades.

Safra ratifica que existem três caminhos para conhecer o ser humano: o da investigação científica, o da fé e o da mística. Destaca a importância da relação que oferece a experiência da alteridade e reitera que quando se escolhe estar com alguém se é transformado por este experimento.

A obra dialoga com interesses de terapeutas, psicanalistas e todo aquele que se dedica ao estudo das particularidades de constituem o trabalho clínico.

Safra tem em suas bases teóricas conceitos que foram desenvolvidos por Heidegger e Husserl. O primeiro vê a ontologia como passo fundamental para a existência, enquanto o segundo defende que se trata de uma ciência formal e material das essências.

Suspender o véu da singularidade do idioma pessoal não é tarefa simples e constitui o trabalho de todo terapeuta que investiga a unidade do Ser e a complexidade do existir. A obra envolve o assunto com o respeito inerente a todo aquele que estuda e pesquisa. A linguagem é clara e existe preocupação em esclarecer alguns conceitos os quais são pressupostos para se tratar a questão clínica. Munido de conhecimento acadêmico, desejo de contribuir e experiência clínica, o autor trabalha um panorama que envolve o Ser e, por vezes, acentua a contribuição do ente, sempre com a noção de que existem peculiaridades que ainda não foram percebidas. A sequência apresentada facilita a compreensão da complexidade do idioma pessoal.



Safra explora a filosofia existencialista, perpassando a dialética, a fenomenologia, sem deixar de apreciar trabalhos como o de Winnicott, Edith Stein e Carl Rogers, especialmente, quando trata a crença nas potências do cliente, estabelecendo fortes conexões entre suas reflexões e a psicologia clínica.

A obra é indicada aos estudantes e profissionais das questões psicológicas. Esta leitura oferece subsídios para conhecimento acerca da importância da hermenêutica clínica, que envolve o idioma pessoal e sua constituição singular tecidos no campo existencial fenomenológico. O livro pode ser, inclusive, adotado para trabalhos acadêmicos do curso de formação de psicólogos, através de disciplinas que priorizam o desenvolvimento de um trabalho sério e ético de intervenção na área de psicologia como: Teorias e Técnicas Psicoterápicas Específicas, Clínica Psicológica, Estágios Básicos, entre outras.